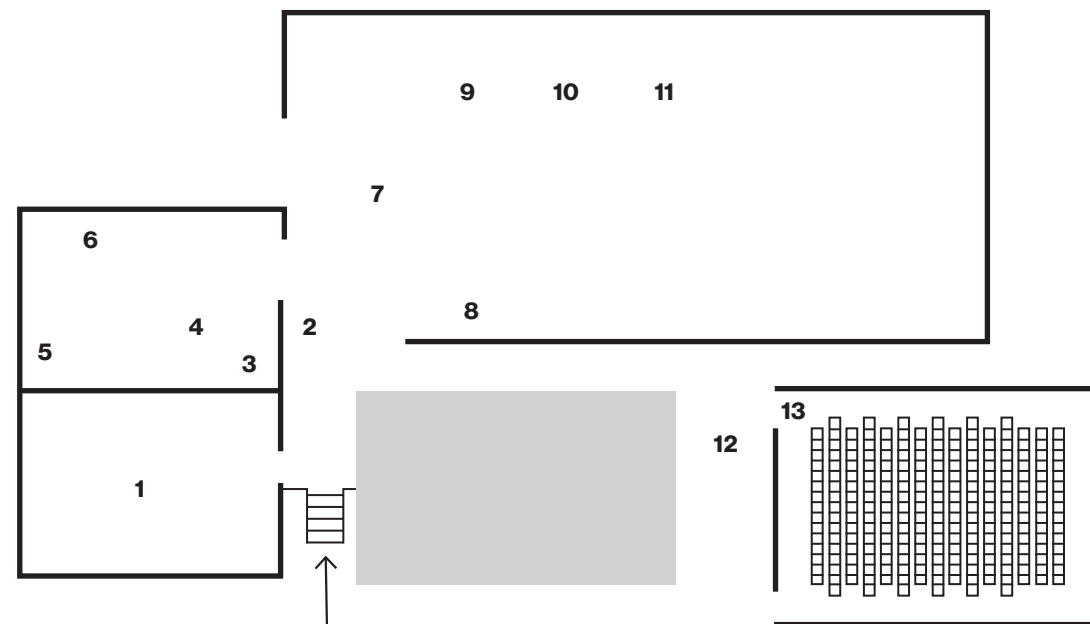




1 INÊS MENDES LEAL
Raia (2025)
 4 discos LP, 4 gira-discos
 e 4 monitores de palco.
 10'00", dimensões variáveis
 Cortesia da artista

2 INÊS MENDES LEAL
*Bem haja Rádio Clube
 de Monsanto* (2025)
 200 x 160 x 92 cm
 Cortesia da artista

3 ADRIANA JOÃO
cristais de vento (2025)
 Impressão em jato de tinta
 sobre papel Photorag
 Ultrasmooth 350g
 150 x 200 cm
 Cortesia da artista

4 ADRIANA JOÃO
vén d'água (2025)
 Impressão em jato de tinta
 sobre papel Photorag
 Ultrasmooth 350g
 200 x 150 cm
 Cortesia da artista

5 ADRIANA JOÃO
prata púrpura (2025)
 Impressão em jato de tinta
 sobre papel Photorag
 Ultrasmooth 350g
 100 x 150 cm
 Cortesia da artista

6 INÊS MENDES LEAL
Sons de Dona Fátima (2025)
 Projeção vídeo HD, colunas,
 02'17", trapeços e instrumentos
 percussivos

Cobra Rateira
 Madeira e corda

Barburinho
 Madeira, cavilhas e cordas
 de viola beiroa

Abêbera
 Madeira e corda

Espanta Morcegos
 Madeira, couro e castanhas

O Vivo
 Chocalhos, metal e couro

Sopra
 Madeira e pano cru

Dimensões variáveis
 Cortesia da artista

7 Pote de água (asado) (Anos 50)
 Cerâmica (Olaria da Zebreira)
 Inv. O/R.178
 Coleção do Centro Cultural
 Raiano

8 JIMMIE DURHAM
Sem título (1997)
 Serigrafia sobre tecido
 99,5 x 152 cm
 Inv. 563811
 Coleção da Caixa Geral
 de Depósitos

9 ADRIANA JOÃO
seda oracular (2025)
 Impressão em jato de tinta sobre
 papel Photorag Ultrasmooth
 350g
 200 x 150 cm
 Cortesia da artista

10 Abrigo do pastor (Anos 70)
 Madeira, ferro, ripado de
 madeira com revestimento
 a chapas zincadas
 Inv. PAST.342
 Coleção do Centro Cultural
 Raiano

11 FRANCISCO TROPA
Gigante (2006)
 Filme 16mm, cor, sem som
 10'30"
 Inv. 653560
 Coleção da Caixa Geral
 de Depósitos
 Cópia digitalizada pela
 Cinemateca Portuguesa –
 Museu do Cinema, no âmbito
 do Plano de Recuperação e
 Resiliência. Medida integrada
 no programa Next
 Generation EU

12 ADRIANA JOÃO
Pearl of Flames (2025)
 Vitrine giratória, 100 CDs
 editados pela artista
 Cortesia da artista

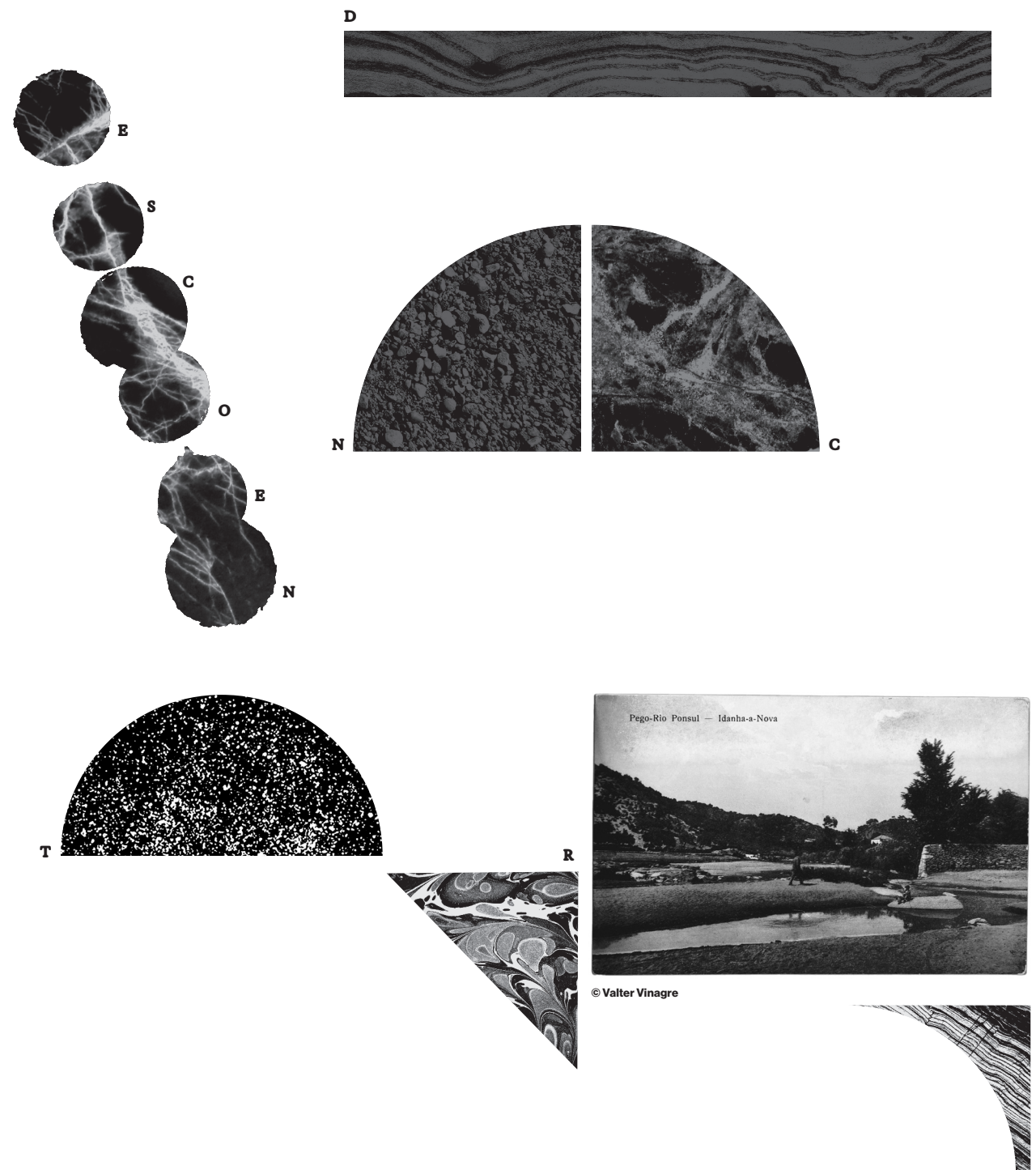
13 ADRIANA JOÃO
Pearl of Flames (2025)
 som, 36'00"
 Cortesia da artista

Concerto de Adriana João
 Jardim Interior

Concerto Adufeiras do Rancho
 Etnográfico de Idanha-a-
 -Nova com Adriana João
 e Inês Mendes Leal
 Sala da Agricultura

CASA DAS NOVIDADES

A PARTIR DA COLEÇÃO DA CGD



João Francisco Reis (curadoria)

Adriana João,
Inês Mendes Leal,
Adufeiras do Rancho Etnográfico de Idanha-a-Nova (artistas em residência)

Francisco Tropa,
Jimmie Durham (artistas na Coleção da CGD)

Centro Cultural Raiano (obras)

CULTURGEST

Programação e Coordenação
da Coleção da CGD
Lúcia Marques

Produção
Hugo Dinis

Conservação Preventiva
Maria Manuel Conceição

CENTRO
CULTURAL
RAIANO

Município de Idanha-a-Nova
Adalgisa Patrícia Dias
Ana Poças
Carmo Côrte-Real
Daniel Carreiro
Edgar Beringuilho
Eddy Chambino
Eduardo Lopes
Elisa Paixão
José Cristovão
Nuno Capelo
Paulo Inácio
Paulo Longo
Rui Varão

Fotografia
Jose Cristovão
Rúben Silva
Valter Vinagre

Seguro
Pedro Agapito – Mediação
de Seguros, Lda

EXPOSIÇÃO

Curadoria
João Francisco Reis

Artistas em residência
Adriana João
Adufeiras do Rancho
Etnográfico de Idanha-a-Nova
Inês Mendes Leal

Artistas na Coleção da CGD
Francisco Tropa
Jimmie Durham

Obras
Coleção do Centro
Cultural Raiano

Design gráfico
Sofia Gonçalves

Agradecimentos
Joaquim Manuel da Fonseca
Rui Pedro da Fonseca
António Rascão
Bruno Miguel Carreto Pereira
Beatriz Capitulé
André Costa
Aida Sousa
Margarida Morais
Tiago Henriques
Gil Silva
Auna Nunes
Francisca Portugal
Adi
Sérgio Hydalgo
Manuel Silva
Rochinha
Colectivo multa
Inês Malheiro
Tiago Baptista
Laura Gama Martins

Eno
Armando Cerqueira
André Cepeda
Sara Coelho
Iury Borchagin
Aurélia Eufrásia
Eva Gaspar
David Revés
Fortunato
João Fonseca
António José
Mecânicos

O ciclo *Desconcentrar* reúne
atividades centradas na criação
e produção artística, na área das
artes visuais, em territórios de
baixa densidade populacional,
nomeadamente: Caramulo,
Idanha-a-Nova, Abrantes
e Guarda.

Entre viagens
veranis à procura
de poços de água
durante a sua
residência, uma
das artistas
foi registando
os momentos
passados. Estes
encontros em lagos
e pedras e charcos
tornaram-se
oportunidades de
encontro com tão
prestigiosa fauna
e flora raianas.
É um autêntico
cartão de visita para
a prestidigitação
Idanhense!
Olhamos um
alcantil? Um tronco
de madeira?
Ou uma pedra
preciosa?
Os reflexos
tornam-se pequenos
clarões que
acendem qualquer
líquido viscoso.
O interior de uma
viatura embaciada.
Uma teia.

O sino de
Idanha-a-
-Velha toca
uma última
vez para
os seus
habitantes.
Tch-tch-
tch-tch!
Não se
deixe
enganar,
é você que
controla
toda a
narrativa
desta
intrigante
instalação.
Repito, não
se deixe
enganar.

É contado por muitos e sabido por poucos que um pequeno pote de água encontrado nestas terras tem propriedades mágicas. Ao abrigo deste Centro Cultural, o pequeno asado, pintado e repintado, foi sendo

restaurado de geração em geração. Fontes dizem que, tal como a bela Gioconda foi roubada do grande museu francês, esta vasilha foi surrupiada tanta vez que passou por mais de cinquenta proprietários.

<i>A água do moinho de Penha Garcia acompanha o som da primeira sala por breves momentos.</i> Tch-tch-tch-tch! Na Rota dos Fósseis, em Penha Garcia, ergue-se a Casa do Moleiro, rodeada de vestígios de um tempo remoto. À sua volta, os icnofósseis guardam a memória dos rastos deixados pelas trilobites e por outros seres marinhos que aqui viviam, quando, há cerca de 240 milhões de anos um oceano cobria estas terras. Mais adiante, o caminho leva-nos às pequenas casas dos moleiros — espaços modestos, com menos de 20 m², onde se abrigava uma família de cinco pessoas.	No interior permanecem ainda objetos do quotidiano, silenciosos testemunhos de vidas passadas, muitos cuja função se perdeu aos olhos de hoje, mas entre eles, descobri alguns que me pareceram instrumentos de percussão. Foi nesse momento que conheci o guardião deste lugar, que me falou da dona Fátima, mulher do moleiro, já falecida. Dona Fátima, apaixonada pelo adufe e pela percussão, transformava os longos invernos e os tempos de solidão em momentos de criação. A partir de materiais simples, foi dando forma a instrumentos únicos,	batizando-os com nomes nascidos dos dizeres desta região raiana. Hoje, esses instrumentos encontram nova vida no Centro Cultural Raiano, onde as Adufeiras do Rancho Etnográfico de Idanha-a-Nova os interpretam, entrelaçando-os com o repertório de Idanha-a-Nova em homenagem à dona Fátima. E, ao som dessa música, compreendemos a urgência de preservar o que nos foi legado: objectos, sons, saberes e fazeres que, sem memória viva, ficam perdidos no tempo. Porque contar estas histórias é também dar continuidade às vozes que já não estão entre nós. Crónica de Inês Mendes Leal
---	--	--

Idanhenses!...

Percam-se nesta grande mostra que é a Casa das Novidades!

Os pássaros cantam ao raiar do dia.
Tch-tch-tch-tch!

Um pouco depois do começo do século passado, em 1905, Christiano Pereira Barata, comerciante alcainense a trabalhar nesta maravilhosa terra de Idanha-a-Nova, fundava a sua loja. A Casa das Novidades foi um símbolo da proliferação de ofícios por parte do seu criador, com um espírito cosmopolita de grandes capitais europeias, este homem “emitia cédulas monetárias, era agente de seguros e vendia desde cereais a pólvora do Estado, petróleo, artigos de escritório, carimbos, ferragens, licores, vinhos do Porto, óculos e lunetas, chapéus, tabaco e máquinas de costura. E, para os derradeiros clientes, artigos funerários.”

Foi também um dos fundadores da Filarmónica Idanhense, em 1888.

Não se acanhe o visitante que não estará perante uma aula de história. Usamos apenas essa humilde Casa das Novidades como ponto de partida para o mergulho de cabeça na mirabolante viagem que se segue. É que sabe, isto de ter artistas a trabalhar sobre estas terras idanhenses torna-se complexo quando as mesmas começam a distorcer a realidade e jamais sabemos se partimos de factos verídicos ou se estamos a entrar em profundas especulações.

*

Diretrizes para visitar a exposição:

1. Tenha em conta que as artistas pernoitaram durante os últimos três meses nos corredores deste lugar;
2. Não existe qualquer ordem ou caminho concreto para visitar as salas, convidamo-lo a fazer a sua visita como bem entender;
3. Sempre que não souber se alguma obra remete para uma experiência real ou se algum objeto é simplesmente uma apropriação sagaz das estórias idanhenses, volte a ler o ponto abaixo;
4. Não se deixe enganar pelo narrador, muitas vezes ele é mesmo quem mais quer que se perca.

Sintonize o zumbido de milhares de mosquitos que ecoam aos poucos por uma das salas.
Tch-tch-tch-tch!

Boa noite, meu amigo, que labutas todo o dia.
Se amanhã estiveres comigo, dar-me-ás muita alegria.

Boa noite para quem, em casa ou no hospital, pede a Deus, que só Deus tem remédio para o seu mal.

Boa noite para aqueles que do campo com o seu querer, tiram para nós e para eles o pão que vamos comer.

Boa noite, condutor, que todo o dia sentado vais dominando o motor, conduzindo com cuidado.

Boa noite, médico tenaz, que em incessante corrida mandas a morte para trás, aos doentes dás a vida.

Boa noite para quem se consome na prisão e sempre à espera que alguém lhes conceda seu perdão.

Para aquela mulher que tanto o rosto do filho beija, Rádio Clube de Monsanto boa noite lhe deseja.

Boa noite para quem vai rezar pelos nossos pecados, rogando a Deus nosso Pai para que sejam perdoados.

Aos que desempregados estão e nativos sem labor lhes damos do coração boa noite com amor.

Boa noite, operariado, que na fábrica ou oficina ganha o pão amargurado porque a féria é pequenina.

Boa noite, locutor, da rádio ou televisão dizes frases de valor sem saber para quem vão.

Boa noite para quem passa uma juventude inteira estudando para que faça dos livros sua carreira.

Boa noite, homem fardado, mereces o nosso amor. Sejas bombeiro ou soldado, és de nós um protetor.

Boa noite para quem a dor dos outros o consome. Luta pela paz, pelo bem daqueles que têm fome.

Boa noite, professor, nossos carinhos mereces. És do aluno instrutor sua mente fortaleces.

Boa noite, comerciante, teu negócio vai andando. Para lebares a vida avante os impostos vais pagando.

Rádio Monsanto deseja a todos com o mesmo amor que a noite passada seja na santa paz do Senhor.

Em homenagem ao Professor Joaquim Manuel da Fonseca.

Dizem os antigos, que para lá de Cabeço Monteiro, ainda antes de o outro senhor ter mandado construir a barragem, uma grande criatura deambulava pelos campos e vales. Raramente avistada pelos locais, este ser alimentava-se de pequenas criaturas. Não raras as vezes que agricultores e pastores acordavam ainda antes da aurora para encontrar os seus bichos trespassados. Há quem diga que ela ainda por aí anda e há quem até a tenha tentado capturar em película. Uns dizem que é apenas um truque, outros creem que o filme é mesmo deste gigante.

O Sr. Rêgo, com o seu chapéu de lavrador com abas largas, foi capturado pela lente de um fotógrafo que prometia conservar a sua juventude, ou o resto dela, na impressão que prometeu fazer do seu rosto. Vendedor de banha de cobra ou não, o homem lá aceitou ser fotografado para a posteridade. A nós relembra-nos uma história vitoriana que não acabou bem para o protagonista, onde o narcisismo e a corrupção levaram a melhor.

Entre montras e vitrines deixadas para trás por Christiano Pereira Barata, após o fecho da Casa das Novidades, uma ficou perdida por Idanha-a-Nova. Encontrada em expedição ao antigo cinema idanhense deixado ao abandono, ergue-se na exposição como um marco arqueológico daquilo que restou de tão honrosa casa. A artista usou-a como montra para o seu álbum, uma mistura de sonoridades raianas com apetite para a música eletrónica, mais concretamente a música experimental e folclórica. Atente nos sons do tão renomado adufe, ou da mais sóbria viola beiroa misturados com os dotes de violino e piano.